

Leituras Crí ti cas

ALMEIDA, Â. E LEVY, H. (2020). *ESTADO DE EMERGÊNCIA*.
CONFRARIA DO SILÊNCIO. S. L.: 44 PP.

MIGUEL REAL

FRANCO, J. E. E CAETANO, J. R. (COORDS.) (2020).
GLOBALIZAÇÃO COMO PROBLEMA – TEMAS DE ESTUDOS GLOBAIS.
IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA. COIMBRA: 256 PP.

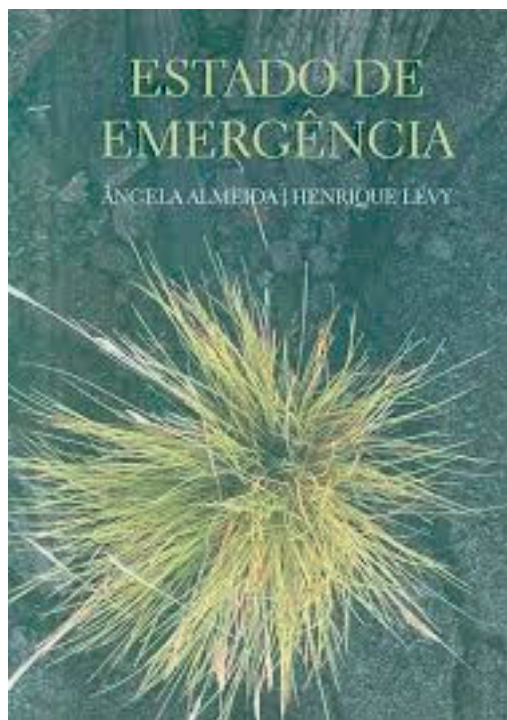
PAULO FERREIRA DA CUNHA

SENA-LINO, P. (2020).
*DE QUASE NADA A QUASE REI – BIOGRAFIA DE SEBASTIÃO
JOSÉ DE CARVALHO E MELO, MARQUÊS DE POMBAL*.
CONTRAPONTO. LISBOA: 624 PP.

JOSÉ EDUARDO FRANCO E RICARDO VENTURA

**Almeida, Â. e Levy, H. (2020). *Estado de emergência*.
Confraria do Silêncio. S. l.: 44 pp.**

MIGUEL REAL¹



O livro do antivírus

Estado de emergência, obra de poesia com dupla autoria açoriana, Ângela Almeida e Henrique Levy, editada pela Confraria do Silêncio, igualmente açoriana, é um livro de raiva, motivado pelo confinamento obrigatório do «estado de emergência» havido em abril de 2020 na luta contra a tormenta da COVID-19. Raiva transfigurada em poesia não significa a existência de versos fisicamente violentos, poemas de abjeção nascidos sob o aguilhão da dor, semanticamente esvaziados de indulgência, mesmo de benevolência. Significa apenas que a origem extraliterária do poema é tecida tanto da contestação do estado social que impede o poeta de ser o que é, de exercer a sua liberdade, de exprimir poeticamente os seus desejos, como da constatação crítica e revoltada do estado de maléfica ruína que

¹ CLEPUL, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-1960-2103>.

preside ao mundo. Do sofrimento e da dor não é forçoso nascerem mecanicamente poemas sofridos e dolorosos. Os autores confessam no texto introdutório que, justamente, «a poesia é o tesouro de que nos socorremos para enfrentar as ruas desertas, os abraços adiados, o olhar desesperançado de médicos e enfermeiros, as pálpebras fechadas dos mortos, a saudade de contemplar crianças nos parques, o sossego do asfalto, o perfume do café a desatar madrugada» (pp. 8-9). E invocam um belo soneto da primeira poetisa açoriana, Maria Cristina d'Arriaga (séculos XIX-XX), em que, «no meio da tormenta», se estatui a poesia como lugar do bem e da esperança (p. 9).

É longa a prática da poesia nos dois autores, o que significa que, mais do que um estado circunstancial, é já um estado comportamental, um *habitus* integrado no seu modo de ver e responder ao mundo. *Estado de emergência* é o sétimo livro de poesia de Henrique Levy. Antes publicara *Mãos navegadas* (1999), *Intensidades* (2001), *O silêncio das almas* (2015), *Noivos do mar* (2017), *O rapaz do lilás* (2018) e *Sensinatos* (2019). *Estado de emergência* é, por sua vez, o sexto livro de poesia de Ângela Almeida. Antes publicara *Sobre o rosto* (1989 e 1994), *O baile das luas* (1993 e 1994), narrativa poética, *Manifesto* (2005), *A oriente* (2006) e *Caligrafias dos pássaros* (2018). E assim, em Ponta Delgada, São Miguel, ambos respondem hoje com poesia à «tormenta» do coronavírus: escrever um livro a

meias foi o seu modo de exprobar o coronavírus – daí o título desta recensão.

Ambos poetas, não comungam, porém, da mesma forma poética. Henrique Levy possui uma poesia exuberante, prolixa, na qual a emoção (a paixão, o amor, a saudade, os sentimentos...) é trabalhada por uma oficina racionalizada de palavras abstratas e cujo resultado poético se afasta de uma dimensão concreta, imediatamente real. Leia-se o primeiro poema, «Cantata» (p. 15). As perífrases indicam uma ameaça e um medo, mas o leitor desconhece quais sejam. Porventura o vírus, pensa o leitor de hoje. Desconhecerá o leitor do futuro, já esquecido da tormenta da pandemia. Ângela Almeida, por seu lado, pratica uma semântica direta. Os referentes são indicados com clareza, compostos por uma linguagem natural. Veja-se o seu primeiro poema, «Já não tenho palavras» (pp. 16-17), «mãe», «mar», «olhos», «pássaros»... Neste sentido, dois poetas, duas oficinas diferentes, duas poesias distintas que se completam e cujo diálogo no papel exprime duas visões poéticas do mundo: a de Levy, mais explosiva, impetuosa, dramática, por vezes trágica («Só saio daqui com os meus mortos!», início de «Vistosa ilusão» [pp. 28-29], poema ritmado com quatro pontos de exclamação; «Depois da derrota» [pp. 36-37]: «a voz da morte anuncia o amor lavrado» [p. 36]), não sem que o lirismo marque presença forte («Erotismo» [pp. 31-32]); a de Almeida mais suave, mais lírica («nunca mais teremos / o enlace das rosas» [p. 30]),

vagueando entre sentimentos apazíveis, a maioria perdidos ou quebrados. Mas também duas atitudes filosóficas: a de Levy, assertiva, sentimentalmente ampliada, síntese do mundo («Sou eu» [p. 34]; «a extensão desta ilha / – em que me transformei», «Lembrança» [pp. 39-40]); a de Almeida, lírica, por vezes romântica. Ambas, porém, sentimentais e poiéticas, ou prática da filosofia enquanto poesia; dionisiaca, irruptiva e húbrica a de Levy, apolínea a de Almeida. Ambas divinamente gregas. Numa palavra, Levy e Almeida dão conta não de uma poesia descarnada, nefelibata, mas de uma poesia enquanto modo de vida. Vida estética em primeiro lugar, mas também vida ética – eles são o que a sua poesia diz, é uma linguagem que carrega filosoficamente um modo de vida.

Os dois sentimentos mais profundos que perpassam os poemas de ambos os poetas são, em Levy, o desejo de equilibrar uma ordem do mundo desequilibrada – o poema é aqui um instrumento ético de conhecimento, de revelação dos aleijões do mundo e de suavização destes desequilíbrios («Mulheres»,

um hino de louvor às mulheres, que têm sido votadas a uma condição diferente e inferior [pp. 42-43]) –; em Almeida, a perda, uma vez que a quase totalidade dos poemas reflete ou menciona uma perda, algo de que a autora está privada – aqui, a poesia é evocativa, do que possuiu e ora não possui, mas não é acusatória das causas ou motivos da perda, não é condenatória, é um longo lamento melancólico, do que poderia ter sido se a perda não acontecesse. É neste sentido que o tom geral do conjunto de poemas de Ângela Almeida é o da melancolia. Não uma melancolia triste, apenas lírica – uma poesia intimista. E o tom geral da poesia de Henrique Levy é o da exaltação, exaltação de emoções, de sentimentos, de contestação dos desequilíbrios do mundo – uma poesia que, nascendo intimamente, é toda feita de exterioridade, nasceu para ser gritada ao mundo.

Um belíssimo e plural livro de poesia de dois poetas que não precisam já de provar que são poetas. Como o livro confirma, a poesia está-lhes nas células.